

O sábio e a imagem

Estudos sobre Plutarco e a arte

**Carlos Alcalde Martín &
Luísa de Nazaré Ferreira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

TAPEÇARIAS DA *HISTÓRIA DE ALEXANDRE MAGNO*
NO MUSEU DE LAMEGO¹
(Tapestries of the *History of Alexander the Great* at the Museum of Lamego)

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA (luisanazare@gmail.com)
Universidade de Coimbra

RESUMO – Plutarco tem sido uma das maiores fontes da cultura literária e artística ocidental, e muitos temas populares na arte da tapeçaria inspiram-se na sua obra. Após um breve exame da série de pinturas que Charles Le Brun dedicou a Alexandre, das suas fontes e da transposição para cartões de tapeçaria, este estudo centra-se nas tapeçarias da *História de Alexandre Magno* que pertencem ao Museu de Lamego, a fim de analisar os temas iconográficos seleccionados e a influência das fontes clássicas.

PALAVRAS-CHAVE: Plutarco, *Vida de Alexandre*, Charles Le Brun, tapeçaria, recepção.

ABSTRACT – Plutarch has been one of the greatest sources for Western literary and artistic culture, and many popular subjects of tapestry weaving are drawn from his writings. After a brief examination of Charles Le Brun's series of Alexander paintings, its sources and its transposition into tapestry cartoons, this study focuses on the series of tapestries *History of Alexander the Great* belonging to the Museum of Lamego, in order to discuss the selected iconographical themes and the influence of Classical sources.

KEYWORDS: Plutarch, *Life of Alexander*, Charles Le Brun, tapestry, reception.

A tapeçaria realizada em tear de alto e baixo liço, em particular em centros de produção flamengos e franceses, chegou em tempos a rivalizar com a pintura, elegendo do mesmo modo como temas favoritos os episódios bíblicos, a mitologia clássica e a história antiga. Em especial desde o século XVI, graças à impressão dos textos originais e à tradução dos autores gregos e latinos, como Plutarco e Tito Lívio, as vidas e os feitos dos chefes políticos e militares da Antiguidade alcançam tal notoriedade na Europa que não podiam deixar de cativar a atenção de artistas e mestres tapeceiros. O genial rei da Macedónia, que em pouco mais de dez anos conquistara um território que os gregos até

¹ Recuperamos e revemos neste estudo uma matéria que foi, em parte, publicada (Ferreira 2010, 2013) e apresentada em diferentes ocasiões, designadamente no *XI Simposio Internacional de la Sociedad Española de Plutarquistas: Plutarco y las artes* (Las Palmas de Gran Canaria, 8-10 de Novembro de 2012), no *II Colóquio Pragma/CECH: a recepção dos clássicos em Portugal e no Brasil* (Coimbra, 29-31 de Maio de 2013) e numa aula aberta do *Programa de Doctorado Estudios Avanzados en Humanidades, Área de Filología Griega* (Málaga, 18 de Março de 2014). Expressamos a nossa gratidão a todos quantos contribuíram, com os seus comentários, sugestões e opiniões, para a realização deste trabalho. Agradecemos muito particularmente ao Director do Museu de Lamego, Dr. Luís Sebastian, ao Dr. José Pessoa, autor das fotografias que acompanham este estudo, e à Dra. Maria Manuela Santana, Conservadora das Coleções de Têxteis e Traje do Palácio Nacional da Ajuda. Qualquer incorrecção é da nossa inteira responsabilidade.

então praticamente desconheciam, modificando doravante o rosto político, social e cultural do Mediterrâneo², torna-se assim numa das figuras mais admiradas e queridas da galeria de homens célebres do passado. Não foi, portanto, por acaso que, no Portugal de Setecentos, as tapeçarias inspiradas na vida, carácter e acção militar de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), fizeram também parte dos bens de luxo mais procurados pelos monarcas, nobres e clérigos portugueses.

A *História de Alexandre Magno*, pelo menos desde o século XIV, impõe-se nos ateliês de tapeçaria como um dos temas favoritos da Antiguidade e foi tratado com regularidade tanto nas manufacturas flamengas quanto nas francesas³. No entanto, a armação mais famosa e influente sobre o general grego seria tecida na segunda metade do século XVII em Paris, na Manufacture des Gobelins, com base em cartões realizados a partir de cinco quadros a óleo de Charles Le Brun. É nos modelos deste célebre pintor francês que se inspiram, na sua maioria, as tapeçarias da *História de Alexandre* que pertencem actualmente aos museus portugueses, designadamente as que se encontram em depósito no Museu de Lamego, nas quais incide este estudo.

1. AS PINTURAS DE CHARLES LE BRUN E AS SUAS FONTES

A análise das fontes – literárias e temáticas principalmente, mas também artísticas – que estão na base da produção de uma tapeçaria ou conjunto de tapeçarias (armação, série⁴), ainda que não seja, normalmente, o assunto que mais desperta o interesse dos especialistas desta forma de arte, é uma das questões fundamentais do nosso trabalho. Por conseguinte, antes de nos centrarmos propriamente nas tapeçarias da *História de Alexandre* do Museu de Lamego, devemos começar por dedicar alguma atenção aos modelos (desenhos, pinturas ou gravuras) que estiveram na origem da sua criação.

Charles Le Brun (1619-1690) tornou-se, na segunda metade do século XVII, numa das personalidades mais influentes nas artes plásticas e decorativas francesas e europeias (cf. Allen 2003). Recorde-se que, entre 1656 e 1661, foi responsável pela decoração do palácio de Vaux-le-Vicomte, mandado construir pelo Ministro das Finanças Nicolas Fouquet. Quando este caiu em desgraça por esse devaneio extravagante, Le Brun foi convidado a dirigir os trabalhos do palácio de Versalhes e em 1664 é nomeado Primeiro Pintor de Louis XIV (n. 1638, rei

² Para uma análise da estratégia política e militar de Alexandre, vide Leão 2012 e Monteiro 2012.

³ Sobre a construção mítica e simbólica do rei macedónio, a recepção da sua imagem na Europa e a influência do *Romance de Alexandre* na tapeçaria, vide a cuidada resenha de Centanni 2010.

⁴ A distinção que se faz por vezes entre “armação” (fr. *tenture*, conjunto de panos murais ligados entre si pelo tema) e “série” (armação reproduzida várias vezes) nem sempre é considerada pelos especialistas e os termos são também usados como sinónimos.

de 1643 a 1715). Com esse cargo acumulou, desde 1663 até à sua morte, o de director artístico da Manufacture des Gobelins, que fora recentemente fundada (em 1662).

O projecto de retratar na tela o carácter e os feitos de Alexandre da Macedónia tem início em 1660, em Fontainebleau, quando Le Brun realiza *Les Reines de Perse aux pieds d'Alexandre* (ou *La tente de Darius*), a pedido do Rei Sol, que teria então 22 ou 23 anos. Esta pintura, que se encontra actualmente no palácio de Versalhes e foi talvez concluída em Paris no ano seguinte⁵, põe a ênfase em duas qualidades do bom governante – a clemência (*clementia*) e o autocontrolo (*continentia*) – e baseia-se muito provavelmente nos textos dos autores gregos e latinos. Contudo, além das fontes literárias, é plausível que Le Brun tenha sido também influenciado por fontes artísticas, designadamente pelos pintores de Quinhentos, como Il Sodoma, que na decoração a fresco da Sala delle Nozze da Villa Farnesina representara o mesmo tema⁶, pela tapeçaria sobre a vida de Alexandre fabricada em Bruxelas no início do século XVII⁷ e até pelo teatro francês de meados do mesmo século.

Ainda que não possamos confirmar a influência directa destas obras em Le Brun, é certo que comprovam a popularidade, em diferentes expressões artísticas, de um episódio que os autores antigos consideraram digno de figurar na biografia e na história de Alexandre, o Grande, como assinala Diodoro Sículo (17.38.4-5)⁸.

O encontro entre o conquistador macedónio e as mulheres da corte persa terá acontecido a seguir à batalha de Isso (Novembro de 333 a.C.), quando o exército persa bate em retirada e a família de Dario⁹ – a sua mãe (Sisigâmbis), a esposa (Estatira), o filho ainda criança (Oco) e as duas filhas solteiras – é deixada para trás. De acordo com as fontes gregas e romanas, quando as mulheres persas se convenceram, induzidas por um mal-entendido, de que o seu rei havia falecido, desataram num tal pranto que os seus gritos de lamento ecoaram por todo o acampamento. Plutarco escreve que o chefe macedónio, incomodado com

⁵ Château de Versailles, MV 6165. O óleo, com 298 x 453 cm, foi talvez concluído em Paris, em 1661, pois esta é a data que aparece na estampa de Gérard Edelinck (vide infra), gravada alguns anos mais tarde. Cf. Beauvais 1990: 286, Vittet 2008b: 42. Vide ficha e reprodução da obra em <http://collections.chateauversailles.fr/#cd1f056f-fa4b-4b89-90ae-2c494f2f9afe> [acesso 24/04/2014].

⁶ Foi a convite de Agostino Chigi que o pintor italiano Giovanni Antonio Bazzi, “Il Sodoma” (1477-1549), se ocupou da decoração da Sala delle Nozze da Villa Farnesina (Roma), na qual representou, entre outros, o fresco *Alessandro e la Famiglia di Dario* (c. 1516-1517), que Le Brun poderia ter visto quando esteve em Roma e que adaptou possivelmente à sua composição sobre o mesmo tema. Vide Posner 1959: 240, 245-246 e fig. 2; cf. Bertrand 2008: 21-23, Baynham 2009: 299, 304, e o estudo de P. S. Rodrigues neste volume.

⁷ Cf. Vanhoren 1999: 66-67 e fig. 4, Bertrand 2008: 23, Gautier 2008: 30 fig. 3.

⁸ Sobre este episódio memorável, significativo para a definição do carácter moral do chefe grego, vide D.S. 17.37-38, Curt. 3.12.1-26, Plu. *Alex.* 21 (cf. *Alex.* 30), Arr. *An.* 2.12.3-8.

⁹ Dario III, último rei persa da dinastia dos Aqueménidas.